

ENTREVISTA REALIZADA COM OS PROFESSORES:

Bertha Koiffmann Becker em 20/03/2012

Jorge Xavier da Silva em 25/03/2012

1) Qual o momento da Ciência Geográfica brasileira em que se insere a criação do Programa de Pós-Graduação em Geografia?

Prof^a. Bertha: Era o momento da Geografia Estatística, da Geografia Quantitativa. No meu caso, eu segui os preceitos do prof. David Harvey, que era sinônimo de toda base conceitual da Geografia e que procurava debater a Geografia na Ciência. Li profundamente David Harvey, *Explanation on Geography*, que mostrava grande mudança do momento, a nova base conceitual e de paradigmas, a explicação da Geografia em termos de ciência. Pessoalmente, foi muito importante para preparar e organizar cursos, como Teorias de Desenvolvimento Regional e sugerir outras disciplinas.

Prof. Xavier: Durante a forte influência americana e mundial favorecedora da abordagem quantitativa.

2) Como surgiu a ideia da criação do Programa?

Prof^a. Bertha: Era um movimento geral da universidade brasileira, e até mesmo mundial, e seguia a tendência de avanços dos estudos estimulados pelo Governo Federal através da política de grandes institutos de pesquisa como a CAPES e o CNPq. Pelos trinta anos na universidade, sou testemunha da Ciência. O CNPq e a CAPES são instituições que alavancaram a pesquisa e o aprofundamento da Ciência no Brasil. Esse momento, a mim, particularmente, estimulou a vontade de fazer o doutorado e, assim, ser professora da pós-graduação e me preparar para poder orientar os alunos. Formei-me em 1952 e já era casada, e não tive oportunidade de fazer o doutorado até então. Fiquei sabendo de concurso de livre docência para a Geologia, onde os professores também se preparavam para a pós-graduação e lutei para a abertura de concurso de livre docência para a Geografia. A busca de qualificação e reconhecimento profissional para atuar na pós-graduação era geral. Na Geografia, Lysia Bernardes obteve o título de doutor honoris causa; Therezinha Segadas Vianna buscou obter reconhecimento; e apenas a Maria do Carmo Corrêa Galvão tinha título de doutora obtido na Alemanha, em data anterior a 1970. Com a livre docência obtive o título de doutor e de titular. O concurso foi puxadíssimo, e tive três meses para fazer uma tese. O concurso constou de defesa de tese pública no salão da Escola de Engenharia no Largo do São Francisco, prova escrita com ponto sorteado e prova de aula com ponto sorteado 24 horas antes. A banca foi composta por cinco examinadores, entre eles Otto Henri Leonardos, Fábio Macedo Soares Guimarães, Nilo Bernarde e Pedro Pinchas Geiger. Para a realização da tese, recebi toda força de Lysia Bernardes, sugerindo que eu me concentrasse na temática que eu já desenvolvia sobre a expansão da pecuária no Brasil. Dessa forma, iniciei os estudos sobre a expansão

da pecuária no estado do Espírito Santo. Com a crise e erradicação do café, haveria expansão de gado, semelhante ao que já ocorria em outros estados em detrimento à crise do plantio do café no final da década de 1960. Com a caminhonete do Centro de Pesquisa Geográfica do Brasil (CPGB) e dois alunos, fui fazer o trabalho de campo na área em que estava ocorrendo a erradicação do café. Chegando a Linhares (ES), fiz contato com o Instituto Brasileiro do Café (IBC) e fui desaconselhada a seguir para a área que pretendia por estar em verdadeiro estado de “guerra”, haja vista os muitos conflitos entre governo e produtores. Seguindo a fundamental orientação e o apoio do IBC em Linhares, optei por investigar o município de Pancas, o qual passava por brutal êxodo demográfico. Anos depois, ainda cheguei a encontrar migrantes oriundos de Pancas no município de Vilhena (RO) durante a pesquisa de campo que fazia na Amazônia.

Prof. Xavier: Talvez Maria do Carmo ou Bertha possam lembrar-se do momento de origem. A Universidade do Brasil tinha se transformado, de uma penada, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. O sistema de créditos tinha sido instalado da mesma forma autoritária (1968). A nossa pós-graduação foi um prosseguimento esperado em direção ao padrão americano de educação superior, com o mestrado e o doutorado seguindo-se ao bacharelado (*em passant*, até hoje a nossa legislação profissional – Sistema Confea/Creas – tem disposições relativamente indefinidas quanto às prerrogativas do pós-graduado em Geografia). Porém a ideia de nossa pós-graduação foi abraçada por todos da comissão, inclusive por Lisia Bernardes, com sua forte personalidade e experiência como geógrafa profissional. Maria do Carmo, que se graduou doutora no sistema alemão, ponderava com muita qualidade, como sempre, assim como Bertha Becker e Therezinha Segadas Soares. Além dos debates, minha participação envolveu explicar e discutir o sistema de pós-graduação americano (mestrado e doutorado) a partir de minha experiência, então recente, no doutorado da Louisiana State University (onde Hilgard Sternberg também se doutorou) aos outros membros da comissão, que não tinham tido a mesma vivência.

3) Houve uma influência (direta e/ou indireta) de pesquisadores estrangeiros? Se sim, quais foram esses pesquisadores?

Prof^a. Bertha: Sim. Organizei cursos, conferências e mesas-redondas, sugerindo e convidando inúmeros pesquisadores, tais como:

- Prof. Walter B. Stöhr (Áustria) – Desenvolvimento Regional.
- Prof. Akin L. Mabogunje (Nigéria) – Geografia Urbana
- Prof. Hilgard O’Reilly Sternberg (Estados Unidos) – Geomorfologia.

Após a reunião da União Geográfica Internacional de 1982, organizei um curso de Altos Estudos Geográficos, intensivo de uma semana, com a presença de:

- Prof. Miguel Morales (Costa Rica) – Desenvolvimento Regional.
- Prof. Edward William Soja (Estados Unidos) – Planejamento Urbano e Regional.
- Prof. Michael Dear (Estados Unidos) – Geografia Urbana.

- Prof. Arie Shachar (Israel) – Geografia Urbana.
- Prof. Bernard Marchand (França) – Geografia Urbana e Transportes.
- Prof. John Friedman (Estados Unidos) – Teoria do Desenvolvimento Regional.

Além dos professores estrangeiros, convidei professores do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais (CEDEPLAR) de Belo Horizonte, instituição muito reconhecida. A participação de professores convidados trazia uma visão mais aberta e contribuía com novos cursos. Nesse período, com grande luta, consegui trazer para o Programa de Pós-Graduação, importantes doutores em Geografia, como foi o caso do Milton Santos e do Maurício Abreu. Maurício trabalhava no Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) e estava indo para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e foi convencido a vir para o Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e fazer parte do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Um pouco mais tarde, a prof^a. Maria Regina Mousinho de Meis passou a integrar o Programa no ramo da Geografia Física. Em um projeto de pesquisa do Laboratório de Gestão do Território (LAGET) firmamos uma parceria do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro com o Departamento de Geografia do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) e conseguimos, ainda, a transferência de Roberto Lobato Corrêa em uma política para enriquecer o Departamento.

Prof. Xavier: Lembro-me de:

- Peter Gould (Reino Unido).
- Richard Chorley (Reino Unido).
- David Harvey (Reino Unido – em sua fase quantitativa).

Mas certamente houve outras influências anteriores, como Carl Sauer, Richard Russel, Fred Kniffen e muitos franceses, como Francis Ruellan, Pierre Monbeig, Jean Tricart, entre outros, e alemães, como Karl Troll.

4) Como era a relação entre a Geografia e as ciências afins?

Prof^a. Bertha: O relacionamento com o Departamento de Geologia foi muito intenso nesse período, pois enquanto estive no cargo de Diretora Adjunta de Pós-Graduação do Instituto de Geociências, sendo diretor do Instituto o prof. Sílio Vaz, elaborei estratégias para o fortalecimento do Instituto através de projetos institucionais. O Programa de Pós-graduação em Geologia passava por sérios problemas, com risco de ser fechado, o que afetaria o Instituto de Geociências e a Pós-Graduação da Geografia. Se a Geologia fosse deixada de lado, a Geografia iria junto. Recorri ao Comitê da Pós-Graduação de Geologia em Brasília, obtendo o apoio do prof. Humberto Cordani. Com a ajuda dos professores do Departamento de Geologia Ignácio Brito, Josué Alves Barroso, Joel Gomes Valença, Rudolph A. J. Trouw e Marcus Aguiar Gorini, pressionei a Reitoria e fizemos projetos institucionais para obter recursos junto à CAPES e ao CNPq. Conseguimos, assim, contratar professores e pesquisadores para fortalecer e impulsionar a Geologia, como foi o caso de professores alemães. Depois dos projetos institucionais na Geologia,

o caminho estava aberto para a Geografia. Aprendemos como fazer projetos institucionais também na Geografia.

Prof. Xavier: Os geólogos respeitavam e ajudaram bastante a Geografia. Lembro que, como geógrafo, fui o primeiro diretor de graduação do IGEO, em 1968/69, e perdi a conta de quantas vezes expliquei aos alunos, funcionários e também aos colegas professores o significado do termo “crédito”. Entre os geólogos, lembro-me de Ronaldo Azambuja, que nos ajudou na implantação de pesquisas sob patrocínio da FINEP. Lembro, principalmente por sua atenção prestigiosa para com a Geografia e forte atuação no ambiente federal de administração da pesquisa científica brasileira, de John Milne Albuquerque Forman. Recomendo que o entrevistem sobre a criação do Instituto de Geociências, formado em 1968 pelo amálgama da Geologia, Geografia, Astronomia e Meteorologia (esta então em criação na UFRJ).

5) Quais foram as primeiras linhas de pesquisa implementadas no Programa?

Prof^a. Bertha: As linhas de pesquisa estavam ligadas a projetos institucionais com a FINEP, como o fortalecimento da linha sobre Amazônia. Como professora do Instituto Rio Branco do Itamarati, fui apresentada e fiquei encantada e apaixonada pela Amazônia. No Instituto Rio Branco, levantei a bandeira de que como era necessário levar os alunos para conhecer primeiro o Brasil antes de mandá-los para o exterior. O Itamarati organizou uma viagem pela Amazônia com quarenta alunos e alguns professores, integrando o grande Projeto Cisne. Voamos em avião da FAB e tivemos apoio do Exército. Juntamo-nos com o Projeto Rondon, mas este tinha outra metodologia. Visitamos, em 1968 (data aproximada), Corumbá, Cáceres Guajará-Mirim brasileira e boliviana, Rio Branco, Cruzeiro do Sul, e cruzamos fronteiras, tais como entre Brasil e Bolívia. Apliquei questionários com base na teoria de centro-periferia. Cáceres já tinha forte migração e já era uma cidade inchada, inclusive a própria periferia. Visitamos lugares que nem sequer a “Voz do Brasil” alcançava, mas chegava a Voz da América e a Voz de Cuba. Incrível! Nunca mais larguei a Amazônia. Dois anos depois, em 1970, tive a oportunidade de cruzar a região pela rodovia Belém-Brasília, por meio de um convite que recebi dos professores da Engenharia de Produção da Universidade Federal do Rio de Janeiro, viagem que consolidou minha paixão por pesquisar a Amazônia sem parar. Tive com essas duas viagens uma visão de conjunto, conhecendo vários lugares. Pessoalmente foi um marco fundamental. Após essa segunda viagem pela Rodovia Belém-Brasília, no curso de especialização de Geografia Urbana com o prof. Mabogunje, fiz, como aluna, o primeiro trabalho sobre cidades na Amazônia e sobre o povoamento na rodovia Belém-Brasília. Pela mesma época, cheguei a conhecer Roraima, que era simplesmente “um espetáculo”, e assim fui, a cada oportunidade, conhecendo um pedaço dessa região do Brasil. Além do interesse pela Amazônia, o fato de ter sido professora do Instituto Rio Branco influenciou minhas pesquisas na linha da Geopolítica junto à Pós-Graduação em Geografia da UFRJ. Com a morte de Arthur Waiss, em 1966, professor de Geografia do Instituto Rio Branco, por intermédio de Hilgard Sternberg, foi solicitada a indicação de um professor para aquela disciplina. Maria do Carmo Galvão não se interessou, e, assim, assumi a disciplina naquele Instituto. Renovei o programa após intensa pesquisa

bibliográfica sobre Geoestratégia e Geopolítica, incluindo leituras do General Golbery. Meu interesse pela Geopolítica cresceu e foi associado a outras temáticas e linhas de pesquisa na Pós-Graduação em Geografia.

Prof. Xavier: Lembro-me do incremento da Geomorfologia Costeira, que tinha introduzido anos antes, dos Estudos do Quaternário, sob influência de João José Bigarella, e, na parte de preparação profissional, o esforço que fizeram os nossos colegas ainda sem pós-graduação, que tiveram que estudar Matemática e Estatística ensinada por profissionais específicos. Lembro-me dos profs. Lucinara Braga de Queiroz, da Matemática, e de Carlos Ernesto da Silva Lindgren, de Estatística, da COPPE/UFRJ.

6) Em relação às fontes de financiamento das pesquisas, quais eram as fontes de recursos para o desenvolvimento das pesquisas nos primeiros anos do Programa?

Prof^a. Bertha: Eram os projetos institucionais financiados, sobretudo, pela FINEP, como foi o caso já referido do Projeto Amazônia. Mas havia financiamento também da CAPES e do CNPq, que estimulavam a elaboração de projetos de pesquisas de professores.

Prof. Xavier: Os recursos diretos da universidade dirigidos ao programa eram escassos. As fontes principais eram o CNPq, a CAPES e a FINEP.

7) Quais foram os primeiros profissionais que buscaram o Programa?

Prof^a. Bertha: Os próprios professores que já integravam o Departamento de Geografia e que necessitavam de qualificação para atuar no Programa de Pós-Graduação, como Maria Helena Castro Lacorte e Mariana Helena Miranda. Depois outros que vieram a se tornar professores do Departamento de Geografia, como Claudio Antônio Egler, Lia Osório Machado, Ana Maria Bicalho, Leila Christina Dias de Carvalho, Júlia Adão Bernardes e pesquisadores vindos, sobretudo, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Prof. Xavier: Como primeiro grupo interessado, foram nossos colegas, que tiraram o mestrado conosco. Foi uma trabalhadeira considerável que tive para acompanhar Dieter Mühle, Mauro Argento, Jorge Marques, Maria Célia Nunes Coelho, Antonio José Teixeira Guerra, entre outros, no mestrado, inicialmente, e alguns também no doutorado, posteriormente. Durante e após essa fase, muitos colegas geógrafos de outras universidades do país vieram se graduar no PPGG, expandindo a influência da UFRJ para todo o país. Com o programa do doutorado, essa influência e o conseqüente prestígio expandiram-se enormemente, haja vista a diversificada origem de nossos pós-graduandos e a nota máxima da CAPES que desfruta o programa. Esse foi um produto de gerações de profissionais que trabalharam em conjunto orientando uma enorme massa de mestres e doutores.

8) Como os senhores veem o crescimento do Programa ao longo desses quarenta anos?

Prof^a. Bertha: O PPGG é um Programa muito bom, que tem bons pesquisadores e que mostra qualidade, o que pode ser visto pelo próprio conceito atual da CAPES (Nota = 7,0).

Becker, B. K., Da Silva, J. X.

No entanto, considero que falta a integração de temas, e mesmo entre as pessoas e os pesquisadores, para dar continuidade a tudo que foi construído. Grupos de pesquisadores cresceram, mas faltam projetos institucionais articulados.

Prof. Xavier: Viemos, vimos e vencemos.

9) Os senhores poderiam fazer um balanço da contribuição do PPGG/UFRJ para a Geografia brasileira?

Prof^a. Bertha: A partir de minha atuação específica, destaco a contribuição aos estudos sobre a Amazônia, Desenvolvimento Regional e Geopolítica, que se tornaram linhas de pesquisa e de interesse para outros professores-pesquisadores do PPGG/UFRJ. Também se pode destacar a contribuição das pesquisas sobre Gestão do Território, constituindo uma das áreas de concentração do PPGG/UFRJ.

Prof. Xavier: Por manter, em minhas pesquisas e aulas, a perseguição ao conhecimento de ponta, em particular quanto ao Geoprocessamento, mas também quanto a novos conceitos, métodos e técnicas eminentemente geográficos, deixo essa tarefa a outros mais bem qualificados para essa análise, por julgar que me falta isenção.

10) E quanto às perspectivas futuras. Como os senhores veem o caminho que o Programa deve trilhar para seu fortalecimento?

Prof^a. Bertha: O mundo tem uma velocidade acelerada, tem problemas sérios, que são derivados de uma sociedade que enfatiza o consumo. Deve-se mudar essa perspectiva, pois há um crescimento demográfico enorme (sem acesso a alimentos, água e energia) e um sistema econômico que gera pobreza, miséria, uma desigualdade social terrível e destruição de recursos. Para os ambientalistas, a destruição do ambiente está diretamente atrelada ao “aquecimento global”. Mas será mesmo? A meu ver, o que é necessário é procurar mudar as formas de produção. Ninguém diz que tem que mudar o rumo do sistema de produção e consumo, o que é muito mais difícil. É necessária muita reflexão! A Ciência está sendo chamada para mostrar caminhos, mas não está conseguindo achar soluções. Isso ocorre porque, sem se mexer no modo de produção e consumo, não há como resolver tais questões. E, na verdade, o Conselho Internacional para a Ciência (ICSU), que envolve todas as ciências, inclusive sociais, financia estudos que acabam continuando a manutenção do sistema.

Nesse contexto, acredito que os rumos para o PPGG e para a Ciência no Brasil devam seguir grandes temas relacionados ao melhor conhecimento do país e de sua posição no mundo para colaborar na concepção de um padrão de desenvolvimento justo e sustentável para a nação. Ressalto que os trabalhos de campo nunca deverão ser abandonados, pois o empírico é fundamental para checar a teoria.

Prof. Xavier: Cuidar para o maior entrosamento entre grupos de pesquisa, tendo particular atenção aos problemas de ética profissional e abertura para discussões teóricas

que incorporem o efeito extraordinário das Geotecnologias na pesquisa geográfica e ambiental contemporânea, o que sugere até mesmo a criação de um termo identificador da presença de sérias modificações programáticas: Hipergeografia.

Bertha Koiffmann Becker, professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro; graduada em Geografia e História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1952; doutorado por Livre Docência em Geografia/UFRJ em 1970; pós-doutorado no Department of Urban Studies and Planning/Massachusetts Institute of Technology, 1986; doutora honoris causa pela Université Jean Moulin – Lyon III – 2005; coordenadora do Laboratório de Gestão do Território – LAGET/UFRJ; pesquisadora bolsista de Produtividade em Pesquisa 1A CNPq; membro da Academia Brasileira de Ciências.

Jorge Xavier da Silva, B.Sc. e Lic. UFRJ, 1959; M.Sc. em Geografia, 1963, e Ph.D. em Geografia, 1973, na Louisiana State University (LSU); pós-doutorado em Geografia Física, 1977, na University of Califórnia at Los Angeles (UCLA); livre docente UFRJ, 1989; professor Titular de Geografia, 1989/2006; ex-pesquisador cientista do Nosso Estado pela FAPERJ; ex-pesquisador 1-A do Comitê de Geologia e Geografia Física do CNPq, no qual foi coordenador eleito por três mandatos sucessivos; professor Emérito da UFRJ desde 2006.

